

PROJETOS

'Uaimiris-atroaris são marco na Funai'

WILSA FREIRE

O novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Marés, em visita oficial ao Amazonas, esta semana, veio buscar nas experiências dos índios da região, em especial os uaimiris-atroaris, soluções de desenvolvimento auto-sustentado, uma das principais metas de sua administração.

Marés visitou os uaimiris ontem e também irá a São Gabriel da Cachoeira reunir-se com os representantes da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). Em entrevista coletiva, concedida ontem em Manaus, Marés falou sobre os projetos da Funai e a situação do órgão no que diz respeito à saúde, proteção e demarcação das terras indígenas.

Os uaimiris-atroaris, para Marés, são um marco dentro da Funai. "Eles encontraram algumas soluções para se manter como povo indígena e conseguiram se adequar à sua própria cultura. É um exemplo extre-

AFIRMAÇÃO É DE CARLOS FREDERICO, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO, QUE VEIO AO ESTADO BUSCAR EXPERIÊNCIAS DOS ÍNDIOS

sou a ser gerenciada pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa): a saúde dos povos indígenas. Marés diz que a Funasa tem competência técnica para assumir a saúde dos índios, mas critica a maneira como se deu a passagem de um órgão para o outro.

Segundo Marés, não houve um processo de transição. A mudança ocorreu sem nenhum preparo, o que tem gerado impasses em várias regiões. "A separação, da forma como foi feita, sem nenhum processo de transição, foi um erro", diz

mamente positivo", diz.

Para o novo presidente, que assumiu o cargo em novembro, substituindo Márcio Lacerda, uma das principais preocupações da fundação será justamente com uma

Marés. "A Funasa é um órgão técnico de alta competência, mas não tinha nenhuma tradição para lidar com a realidade indígena". Para resolver a questão, ele propõe, por enquanto, o diálogo e o trabalho conjunto entre Funai e Funasa. "Pretendo religar as duas fundações, repassando o conhecimento e a tradição da Funai em tratar os povos indígenas, para a Funasa."

As ações e metas da Funai, para seu novo presidente, serão localizadas. Ele não defende uma política nacional para os indígenas, mas

políticas diferenciadas, propondo ainda uma revisão do órgão.

Os projetos produtivos em terras indígenas são vistos com bons olhos, pelo novo presidente. Ele não vê polêmica no índio se estruturar economicamente. "Só é preciso ter cuidado para não se alterar as crenças e a cultura dos povos", ressalta Marés. Até mesmo a exploração de madeira em terras indígenas, para ele, não teria problema desde que houvesse um plano de manejo. Os projetos econômicos dependeriam das necessidades de cada povo.



MARÉS

"Há também o roubo e a apropriação de imagens, sons e palavras"

Andréia Mayumi

DESPROTEGIDOS

Biopirataria preocupa a entidade

A biopirataria está entre as preocupações no novo presidente da Funai, Carlos Frederico Marés, especialista na questão dos Direitos dos povos indígenas. Ele, no entanto, vai mais além. "Hoje, não há só a biopirataria. Há também o roubo e a apropriação de imagens, sons, palavras, cultura e música que nunca foram muito bem pensados pelo sistema jurídico brasileiro", alerta.

Marés diz que os bens materiais dos indígenas até têm relativa proteção jurídica, mas no que se refere aos bens imateriais, em suas palavras, a legislação brasileira é "incompleta, falha e equivocada". A solução para ele está na construção de um duplo instrumental jurídico para os povos indígenas. Um voltado para os bens materiais e outro dirigido à questão da biopirataria. Esse novo

instrumental, para ele, ao contrário de suas metas e ações, não pode ser local, mas global. O continente africano, segundo Marés, é o que mais tem avançado no que se refere às questões dos direitos das comunidades, suas tradições e cultura. "Hoje, uma pessoa pode cortar uma mecha de cabelo seu e extrair daí uma série de informações genéticas e você não terá proteção jurídica alguma", diz Marés.

Sobre os 500 anos do Brasil, o presidente da Funai não vê comemoração para os índios. Ele não está se referindo ao chavão de que os índios estão em condições precárias. Marés tem explicações históricas para o que diz. Para ele, 99% da população indígena não tem 500 anos. "Não existe nenhuma população indígena que tenha sido contatada há 500 anos. Isto já altera completamente a posição dos índios com relação à data. "O que significa a data de 500 anos? É a chegada de uma caravela em Porto Seguro. É a construção, para a Europa, do Estado contemporâneo", resume Marés.